

Linhares ignora disciplina

no recolhimento de lixo

Danilo Salvadeo

Por omissão da administração pública e falta de interesse dos políticos do município, a população linharenses continua exposta a graves riscos de contaminação devido ao lançamento de lixo hospitalar e detritos produzidos por fontes como açougues, peixarias, supermercados e farmácias a céu aberto. Em decorrência disso, catadores de lixo e garis, principalmente, são a camada populacional que corre maior risco de contrair doenças infecto-contagiosas e problemas respiratórios, podendo transmitir as moléstias aos familiares e iniciando uma corrente transmissível de doenças que pode afetar aos demais moradores da cidade. Há anos, os médicos daqui vêm tentando convencer os vereadores que façam uma legislação rigorosa para disciplinar o recolhimento e despejo de lixo hospitalar. Entre as doenças graves causadas pelo manuseio constante destes detritos estão o sarampo, meningite, escabioses, dermatites diversas e até a temível Aids. Qualquer terreno baldio no centro de Linhares serve de depósito de lixo, sendo constante a presença de catadores revirando os detritos. Próximo ao Hospital Rio Doce, é comum se observar os invasores dos prédios públicos remexendo dejetos num terreno baldio ao lado da Clínica Santa Lúcia.

O maior exemplo do descaso da Secretaria de Serviços Urbanos da Prefeitura de Linhares pode ser constatado em dois quilômetros da estrada velha de Canivete, próxima ao trevo da BR-101 que dá acesso ao bairro Lagoa do Meio. No meio da pista, à rodovia se transformou em depósito de restos de açougues e peixarias, além de servir de vazado para animais domésticos mortos, atirados ali a céu aberto. Várias reclamações dos moradores foram enviadas à Prefeitura e, desde o ano passado, os vereadores denunciam constantemente o problema no Legislativo, mas, até agora, o problema não passou disso.

Mário Antônio Del'Caro, residente em Bananal do Sul e usuário da estrada de Jataípeba, denunciou a transformação daquela via de escoamento da produção agrícola, no trecho próximo à Ponte Getúlio Vargas, em novo depósito de lixo do município. Ali são depositados restos de açougues, farmácias, supermercados e peixarias. Nas duas rodovias já que se tornou rotina os açougueiros da cidade despejarem ossos e cabeças de bois na pista e os moradores fazerem do local cemitérios de animais domés-



Foto de Danilo Salvadeo

O lixo exposto às margens da estrada que liga Canivetes à BR-101 é um desafio para as autoridades

Condema tenta evitar moléstias

Nivaldo Borges, presidente do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente (Comdema), disse que em agosto do ano passado, para disciplinar o recolhimento do lixo hospitalar no município, as unidades produtoras dos detritos seriam obrigadas a recolher o material em latões pintados de vermelho e com a seguinte inscrição: "perigo — lixo hospitalar".

O Comdema realizou à época levantamento e mapeamento de todas as unidades produtoras

de lixo hospitalar, ficando determinado que o recolhimento caberia à Secretaria de Serviços Urbanos. Os detritos deveriam ser recolhidos separadamente e incinerados em locais que não comprometessem o lençol freático da região. Acontece que esta determinação, a exemplo das leis que especificam o recolhimento de lixo no município, ainda não saíram do papel e ficaram na boa intenção dos ambientalistas.

Preocupado com o problema do lixo no município, o prefeito

Luiz Durão conseguiu que a Câmara de Vereadores aprovasse a formação de consórcio para a aquisição de maquinário e veículos compactadores para a limpeza urbana. Sobre o lixo domiciliar, a legislação específica que o produto coletado deve ser acondicionado obrigatoriamente em sacos plásticos, ou em outras embalagens descartáveis permitidas bem como em recipientes contenedores padronizados, observando-se os limites de volume ou de peso estabelecidos.

ticos, principalmente cães e gatos.

Incinerador

Ao denunciar na Câmara Municipal que o lixo hospitalar vem ameaçando muitas pessoas, Luciano Ribeiro Durão, vereador e médico, acrescentou ser necessária a construção de um incinerador no Hospital Rio Doce, para evitar a contaminação de garis e catadores de lixo. Para ele, os resíduos precisam ser queimados, pois sua mistura a outros detritos é prática criminosa e que precisa ser coibida com rigor. O vereador vem acusando este problema desde o ano passado, sendo que até hoje nada foi providenciado pelas autoridades.

O diretor clínico do Hospital Rio Doce, Edilson Souza Rocha, criticou a omissão do Governo do Estado pela transformação do antigo Centro de Saúde, Hospital Infantil e Casa do Menino — anexos ao hospital — na mais nova favela urbana do município. O mau-cheiro reinante nas dependências do Hospital Rio Doce é insuportável, pois os moradores que invadiram as instalações defecam nos corredores vizinhos ao Hospital Rio Doce e estocam todo tipo de

detritos próximo aos muros de divisa dos prédios.

Dossiê

Um dossiê foi enviado no ano passado à Secretaria de Estado da Saúde (Sesa), inclusive com fotos, cobrando providências urgentes para a retirada dos invasores. Na época, Edilson Rocha argumentou que os políticos não se sensibilizaram para o problema e nem se manifestaram sobre práticas improvisadas mas que diminuiriam as consequências danosas do manuseio dos detritos recolhidos nos hospitais locais. Enquanto não se instala no município um incinerador, sugestões foram apresentadas no sentido de que o lixo fosse aterrado e os garis passassem a usar luvas apropriadas.

"Desde 1983 se insiste na instalação de um incinerador — denuncia Edilson Rocha — e a obrigação de solucionar o caso é exclusivamente do poder público que, no entanto, prefere expor até seus próprios funcionários a riscos graves. Os garis municipais podem ser contaminados pelo uso de luvas não-apropriadas e fora dos padrões de segurança no recolhimento de lixo nas unidades hospitalares e farmácias.

O médico argumenta ser necessária a instalação de um incinerador coletivo pela Prefeitura, mas entende que o processo implicaria custos elevados e se tornaria moroso. Como medida paliativa, ele recomenda o aterro dos detritos hospitalares em locais de difícil acesso. No ano passado, Edilson Rocha disse que a direção do Rio Doce manifestou interesse na instalação de um incinerador particular, mas recuou por causa da poluição que provocaria na área residencial em que se situa o hospital. "A fumaça e o mau-cheiro provenientes da incineração dos detritos aumentaria o índice de poluição, com chaminés baixas e com o armazenamento do lixo, até formar uma quantidade suficiente para a operação do maquinário de incineração", disse.

O secretário municipal do Meio Ambiente, Nivaldo Borges da Silva, reconhece os problemas provocados pelo despejo de lixo nas estradas de Jataípeba e Canivete ao meio ambiente e à saúde pública. O órgão por ele dirigido está disposto a fiscalizar o despejo feito sempre à noite pelos infratores. O lixo despejado na estrada de Canivete compromete um riacho que abastece a Lagoa do Meio, já bastante assoreado e poluído com os dejetos ali despejados diariamente.